

O pensamento liberal e educacional de John Dewey

Eleonor Gomes da Silva PALHANO*

Adriane Giugni da SILVA**

Este ensaio tem como objetivo estudar o pensamento liberal e educacional de John Dewey, que, por intermédio de sua concepção teórica, exerceu grande influência na educação brasileira. A necessidade de compreensão das propostas educacionais hoje existentes no País leva-nos a buscar as origens do liberalismo como forma de entender o desenvolvimento das práticas educativas experimentadas na evolução histórica da educação no Brasil. Em razão disso, delimitamos este ensaio em três momentos: o primeiro momento evidencia o pensamento de John Dewey no contexto do liberalismo, apresentando suas reflexões em torno da educação; o segundo momento situa o pensamento de Dewey no que respeita a sua concepção de educação como fator de construção e reconstrução da experiência, da democracia e da escola como um ambiente ampliador da vida social; e no terceiro momento procuramos estabelecer a relação entre o pensamento de Dewey e o movimento da escola nova no Brasil.

Palavras-chave 1- John Dewey 2- Liberalismo 3- Educação

Introdução

Este ensaio tem como objetivo estudar o pensamento liberal e educacional de John Dewey, que, por intermédio de sua concepção teórica, exerceu grande influência na educação brasileira.

A necessidade de compreensão das propostas educacionais hoje existentes no país leva-nos, portanto, a buscar as origens do liberalismo como forma de entender o desenvolvimento das práticas educativas experimentadas na evolução histórica da educação no Brasil.

É com este intuito que procuramos discutir principalmente a concepção educacional de Dewey, procurando compreender sua visão de educação, seus objetivos e suas contribuições para o surgimento de uma nova prática educativa – a *escola nova*.

Nossa preocupação neste ensaio não é, entretanto, proceder a uma análise exaustiva do pensamento educacional de Dewey, mas focalizar alguns aspectos fundamentais de sua concepção no pensamento educacional brasileiro. Em razão disso, delimitamos aqui três momentos:

O primeiro momento evidencia o pensamento do autor no contexto do liberalismo, apresentando suas reflexões em torno da educação.

O segundo momento situa o pensamento de John Dewey no que respeita a sua concepção de educação como fator de construção e reconstrução da experiência, da democracia e da escola como um ambiente ampliador da vida social.

E no terceiro momento procuramos estabelecer a relação entre o pensamento de Dewey e o movimento da escola nova no Brasil.

Este ensaio é, na verdade, o resultado de estudos e investigações que fizemos com a finalidade de compreender a questão educacional no país, possibilitando-nos, assim, refletir acerca dos caminhos da educação brasileira, seus problemas e seus impasses políticos e sociais.

O Pensamento Liberal de John Dewey

John Dewey (1859–1952), pensador norte-americano, destacou-se como grande colaborador para o pensamento moderno. Produziu trabalhos de natureza científica nas áreas de Psicologia, Sociologia, Filosofia e Pedagogia. Influenciou diretamente na prática educativa das escolas americanas e também nas idéias da escola nova brasileira, além de ser considerado um dos maiores pensadores de nosso tempo, conforme alguns autores o imputam.¹

Em Dewey, o liberalismo tem a tarefa de afirmar os valores de liberdade, de individualidade e de inteligência livre. Seu trabalho *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, especificamente em *Liberalismo & Ação*, expõe a história, a crise e o renascimento do liberalismo. No percurso da história do

*Mestre em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

**Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

¹Anísio Teixeira considera Dewey um dos maiores filósofos do nosso tempo.

liberalismo, Dewey afirma que o liberalismo já está habituado a críticas por parte dos que rejeitam “qualquer mudança social”, e destaca duas acusações geralmente feitas à posição liberal:

a) Um liberal é aquele que de boca aprova as queixas radicais do proletariado, mas, no momento crítico, corre, a fim de se acobertar, para o lado dos senhores do capitalismo;²

b) É aquele que professa em privado opiniões radicais, mas nunca age de acordo, com medo de perder a entrada na sociedade dos poderosos e respeitáveis.³

Dewey argumenta sobre estas críticas considerando-as inócuas, e passa a refutá-las. Examina a origem e o desenvolvimento do liberalismo, procurando refletir sobre o que ele representa e quais os elementos envolvidos em seu conjunto.

Apresenta alguns elementos históricos do surgimento desta nova concepção de mundo, situando as mudanças ocorridas na Europa e Estados Unidos, e destaca a *grande expansão industrial e comercial da Inglaterra*, assim como a contribuição teórica dos economistas clássicos para a constituição dessa nova ordem social, o novo modo de produção emergente e sua constituição.

Em sua abordagem situa John Locke, Adam Smith, Bentham, Mill, Marx e outros. Inicia este exame pelas teses liberais de Locke constituídas em:

- direito de propriedade;
- direito de liberdade;
- direito de igualdade;
- direito de justiça;
- direito a segurança e a proteção do Estado;
- direito aos direitos naturais inerentes aos indivíduos.

Dewey afirma que “o interesse por liberdade e pelo indivíduo, que era a base do liberalismo de Locke, persistiu; do contrário a nova teoria não teria sido liberal”.⁴

Segundo ele, o liberalismo de Locke deixou para o pensamento social posterior uma rígida doutrina dos direitos naturais inerentes aos indivíduos, independente da organização social, assim como toda base de sua filosofia individualista.

Considera que o impacto desse liberalismo é evidentemente político, em razão da discussão sobre o direito de propriedade em sentido amplo, atingindo dessa maneira o trabalho e a apropriação do produto deste trabalho, vindo a gerar mais tarde elementos para a formulação do liberalismo como uma doutrina econômica.

Neste sentido, como afirma Dewey, a liberdade individual adquire progressivamente uma dimensão prática diferente: “a de subordinar a atividade política à econômica: ligar as leis naturais às leis da produção e da troca e dar à primeira concepção de razão uma significação radicalmente nova”.⁵ A discussão dava-se em torno de quais eram as leis verdadeiramente naturais, pois, para os fisiocratas, as leis econômicas eram as verdadeiras leis naturais.

Para Adam Smith, os indivíduos “...libertos tanto quanto possível de restrições políticas, são a principal fonte do bem-estar social e a fonte última do progresso social”.⁶

Na análise de Dewey, este bem-estar é o produto de esforços individuais em atendimento aos interesses coletivos da sociedade, produzindo bens e serviços destinados a atender as necessidades sociais.

Considera, ainda, que na evolução das relações sócio-políticas “as leis naturais perderam seu remoto significado moral. Identificaram-se com as leis da livre produção industrial e de livre troca comercial”⁷, passando os economistas a desenvolverem o princípio da livre iniciativa econômica dos indivíduos.

Apesar desta evolução histórica, a sociedade precisava desembaraçar-se de leis conservadoras, de um sistema legal “apodrecido”, sendo esta uma das condições para o desenvolvimento de novas forças industriais tanto na produção quanto no comércio.

Neste sentido, a intervenção de Bentham foi fundamental para o surgimento de um “vigoroso movimento pela reforma da lei comum e do processo jurídico, mediante ação legislativa”,⁸ pois, neste período, as novas forças industriais viam-se impedidas de atingir o seu desenvolvimento por causa de leis conservadoras provenientes da sociedade feudal.

Para Dewey, a influência de Bentham é “uma prova de que o liberalismo pode ser uma força para a realização de radicais mudanças sociais, desde que combine a capacidade de invenção social audaciosa e ampla com o estudo detalhado das condições particularidades da situação e com a coragem de ação”.⁹

Neste momento, o liberalismo apresenta-se como uma forma de movimento moral, de uma postura racional que está procurando constituir-se enquanto uma nova concepção de mundo.

Afirma que “se os primeiros liberais tivessem apresentado a sua interpretação especial de liberdade, como interpretação sujeita à relatividade histórica, não a teriam congelado como doutrina a ser aplicada em todos os tempos e sob todas as circunstâncias sociais”.¹⁰

O liberalismo, para Dewey, deveria basear-se em um programa, “um programa liberal tem que ser formulado, e num alto grau de detalhe, fora do âmbito da ação governamental imediata e só depois de submetido à atenção pública é que se poderá processar a ação política direta de largo sentido liberal”¹¹, ou seja, este plano deveria estar

²DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.15.

³Ibidem, p.15.

⁴DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.20.

⁵Ibidem, p.20.

⁶Ibidem, p.20.

⁷Ibidem, p.21.

⁸Ibidem, p.23.

⁹DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.26.

¹⁰Ibidem, p.42.

¹¹Ibidem, p.27.

voltado para os interesses coletivos e para necessidades sociais reais, contribuindo assim para o pleno desenvolvimento das forças industriais e permitindo que as instituições alterem suas formas de atuação.

Considera que tanto o romantismo quanto o idealismo foram movimentos intelectuais que concorreram para mudar o liberalismo. Sua crítica ao romantismo é dirigida à forma de atuação das instituições, tendo a industrialização como grande inimiga da natureza.

O movimento romântico defendia um regime de autoridade para manter os laços sociais, afirmando que “os homens se unem em concórdia de espírito e propósito, constituindo o único real laço social”.¹² Este movimento trouxe como consequência o interesse pelo estudo da história, de modo que o interesse científico dominante passou a ser o da história no tempo e no espaço.

Outra corrente que criticou abertamente o liberalismo foi o idealismo, que surgiu como reação à filosofia do liberalismo individualista e do empiricismo individualista. Segundo Dewey, a filosofia idealista “ensinava que os homens se mantêm juntos pelas relações que procedem de uma mente cósmica final e última, cuja existência elas revelam”.¹³ Defendiam que a base do Estado está no espírito e na inteligência, pois o Estado é visto pelos idealistas como “...organismo moral, de que o governo é um órgão. Somente pela participação na inteligência comum e partilhando do propósito comum em seu trabalho para o bem comum podem os seres humanos individuais realizar suas próprias individualidades e se tornarem verdadeiramente livres”.¹⁴

Dewey, em sua análise, considera que estas várias posições no interior do liberalismo levaram-no a fissuras internas e à crise. Assinala ainda que esta crise é produto dos próprios acontecimentos históricos, pois os princípios liberais foram vistos como “verdades eternas” e constituíram-se como “instrumentos de interesses privados”, impedindo o avanço de mudanças sociais.

A liberdade de organização deixou de ser vista como mera expressão da individualidade, não se baseando simplesmente por um aumento de produtividade. Era necessário recuperar o espaço da Democracia, ou seja, buscar uma forma de organização social que permitisse o desenvolvimento das atividades econômicas e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos, “porém faltaram aos primeiros liberais o senso e o interesse histórico”.¹⁵ Admite Dewey que a falta desse sentido histórico prejudicou “e cegou os liberais”, não permitindo que eles compreendessem que “assim que as relações econômicas se tornassem as forças predominantemente controladoras dos padrões das relações humanas, a necessidade de liberdade dos indivíduos, que proclamavam, dependeria do controle social das forças econômicas, no interesse da grande massa dos indivíduos”.¹⁶

Dewey critica o liberalismo que defende o valor da individualidade, pois esta posição prejudica, de todo, o desenvolvimento real dos indivíduos: “promovem a existência real de rudes individualistas, que acabam por desprezar a própria idéia de individualidade, enquanto outros sustentam em nome do individualismo instituições que militam poderosamente contra a emergência e o crescimento de seres possuídos de autêntica individualidade”.¹⁷

Considera que a saída para esta crise é a democracia, o lugar da experiência, a inteligência, para a construção de uma nova ordem social. Afirma que “a crise do liberalismo liga-se a haver falhado em desenvolver e sustentar uma concepção adequada de inteligência, que a integrasse nos movimentos sociais e a fizesse um fator capaz de lhes dar direção”.¹⁸

Chama-nos a atenção sobre os seguintes aspectos: em que estado encontra-se o saber social; a inteligência possui um valor duradouro; e as idéias de liberdade e de individualidade, sendo estas a tarefa atual do liberalismo, ou seja, a de afirmar esses valores de modo a mostrar sua importância intelectual e prática.

Admite também que se porventura vier a existir na história uma sociedade sem classes, o conceito de liberdade não teria sentido de existir, mas, como argumenta, até que isso aconteça, o liberalismo continuará com sua função necessária a cumprir, pois compreende que o liberalismo deverá assumir a posição mediadora das “transações sociais”.

Afirma que o liberalismo deve atender às necessidades que surgem na sociedade, mas compreende que isto só será possível por intermédio do conhecimento acumulado pela experiência. Assim sendo, o liberalismo assume o papel de mediador nos problemas que a sociedade o coloca a ele — “a função mediadora do liberalismo é exatamente esse trabalho da inteligência ...como método de direção da ação social”.¹⁹

Dewey considera que para o liberalismo assumir as teses de liberdade, de direito, de igualdade, e para que cada indivíduo possa desenvolver suas potencialidades, ele “...tem de se erguer de novo para formular os fins a que sempre se devotou em termos dos meios que são relevantes na situação contemporânea”.²⁰ Isto só poderá acontecer por meio de um “...planejamento social organizado, a ser posto em execução para a criação de uma ordem em que a indústria e as finanças sejam socialmente dirigidas em defesa das instituições que dêem provimento à base material para a

¹²Ibidem. p.32.

¹³Ibidem. p.34.

¹⁴Ibidem. p.34.

¹⁵DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.40.

¹⁶Ibidem. p.42.

¹⁷Ibidem. p.48.

¹⁸Ibidem. p.51.

¹⁹DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.56.

²⁰Ibidem. p.59.

liberação cultural e ao desenvolvimento dos indivíduos, [que] constitui o único método de ação social pelo qual o liberalismo pode realizar os seus professados fins. Tal planejamento exige, por sua vez, uma nova concepção, e uma lógica da inteligência liberada como força social”²¹.

Podemos afirmar que os eixos centrais do liberalismo de Dewey fundamentam-se nas idéias de liberdade e de individualidade; na importância intelectual e prática; no planejamento social; e na parceria indústria-instituição, com fins à liberação cultural e ao desenvolvimento dos indivíduos.

Para o autor, o liberalismo tem a responsabilidade de dirigir a mudança, com a organização social coerente, tornando possível a liberdade e a oportunidade do crescimento individual da mente e do espírito de todos os indivíduos. Mas para que isto se efetive é necessário antes de tudo desenvolver a *educação*, em seu sentido mais amplo, na formação de hábitos da mente e do caráter. “A tarefa educacional não pode ser realizada trabalhando apenas a mente humana, sem ação que efetue mudança real nas instituições”²².

Dessa forma, retoma o indivíduo, isolando-o de sua classe social, exaltando, na educação, a iniciativa e os esforços individuais que cooperam com o grupo classe. A liberdade surge como atividade regulada diante de possibilidades iguais para todos, respeitando a natureza de cada indivíduo e propiciando a igualdade de direitos, mesmo que com atividades distintas na divisão social do trabalho.

Para que mudanças ocorram, o liberalismo deve assumir uma posição radical, entendido da seguinte forma: “... fazer-se radical, significando pelo termo ‘radical’ a percepção da necessidade de mudança cabais nas instituições e nas atividades correspondentes destinadas a operar as alterações necessárias”²³.

Em Dewey, o compromisso do liberalismo está com o método que é a inteligência, “... um bem, um ativo social, que se reveste da função tão pública quanto é, concretamente, sua origem na cooperação social”²⁴.

Nesse contexto, considera que a mudança não deve ocorrer de forma drástica. No entanto, aceita a teoria dos conflitos de classe como meio de demonstrar suas convicções, ou seja, o método em que se deve confiar não é o da força, mas o da inteligência. Enfatiza que argumentos que utilizam o uso da força violenta como única saída para a crise, supõem uma visão que leva à limitação do uso da inteligência.

Dewey acredita que o que gera a violência é a dificuldade de se compreender o conflito sob o exame da inteligência, sendo esta a única saída que o autor encontra para as mudanças sociais. Portanto, é por meio da democracia que se concretiza o caminho da vida, assinalando que “o método da democracia – na medida em que for o da inteligência organizada – é o de trazer esses conflitos para o público, onde em aberto podem ser vistos e avaliados, onde podem

ser discutidos e julgados à luz de interesses mais amplos do que os representados por cada uma das partes separadamente”²⁵.

A respeito dos conflitos de classes – lutas de classes – de argumentos que consideram que “as grandes mudanças ocorreram pelo uso da violência”, exige especial atenção ao exame desta situação, a não ser que “estejamos comprometidos com uma filosofia dogmática da história”, afirma Dewey.

Reconhece que a *ordem social* tem sido garantida através do uso das forças física, mas “... também é verdade que a humanidade está hoje na posse de um novo método, o da ciência experimental e cooperativa, o qual constitui o método da inteligência”²⁶, pois este novo método envolve experimentação, observação e construção de novas relações sociais institucionalizadas, na medida em que na produção material o método da inteligência é, para ele, a regra estabelecida. “Abandoná-la, será reverter ao estado selvagem (...) até que o método experimental da inteligência seja também a regra nas relações sociais e na direção social”²⁷. Admite que o problema da organização social é a meta a ser atingida pela sociedade de forma real e não “abstrata”.

A respeito dos que concebem a mudança de forma drástica, a partir do manifesto comunista de Marx e Engels, para os quais as alternativas de mudanças ocorrem via processo revolucionário com a transferência de poder ao proletariado, ou a destruição das “partes em luta”, Dewey diz o seguinte: “Hoje, a guerra civil que seria adequada para a transferência do poder e a reconstituição da sociedade em geral, como compreendida pelo comunismo oficial, apresentaria apenas uma possível conseqüência: a ruína de todas as partes e a destruição da vida civilizada”²⁸. Utiliza este argumento para reafirmar as potencialidades do método da inteligência e enfatiza que o uso da força bruta por uma classe não gera uma sociedade democrática sem classe, pois baseando-se na lei newtoniana, justifica que a toda ação equivale uma reação, ou seja, violência gera violência. Desta forma considera que o “corrosivo materialismo” não provém da ciência, admitindo que “o grande mérito, entretanto, da simplificação marxista, para aqueles que a aceitam em sua forma extrema, é o fato de que combina o idealismo romântico dos anteriores revolucionários sociais com o que pretende ser uma análise científica completamente ‘objetiva’...”²⁹.

²¹Ibidem. p.59.

²²Ibidem. p.65.

²³Ibidem. p.65.

²⁴Ibidem. p.69.

²⁵DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.80.

²⁶Ibidem. p.83.

²⁷Ibidem. p.91.

²⁸Ibidem. p.84.

²⁹ Ibidem. p.169.

Como observamos, Dewey reconhece a necessidade da mudança e dos próprios conflitos sociais, porém defende que isto é possível através de um método, o da inteligência – da democracia, na medida em que as instituições promovem uma atuação mais livre da natureza humana. Por isso afirma que o liberalismo somente será verdadeiro se tomar o caminho que o leve a esse fins.

A luta deve se dar em organizar as idéias, reunir os indivíduos para uma ação dirigida “um liberalismo democrático”, cuja missão “... é a de desdobrar-se em energia e coragem para que esses bens preciosos nem sequer temporariamente se percam, mas antes sejam aqui e agora intensificados e expandidos”³⁰.

Ora, é difícil conter a apreensão em que vivemos hoje por causa da expansão do liberalismo – capitalismo. Dewey contribui para uma revisão no interior do liberalismo, porém o método que propõe não difere em princípio da concepção originária do pensamento liberal, mas o caráter científico que empresta a forma de utilização do método é o que estabelece uma certa distinção.

Também estamos atentos para o uso e a compreensão do método como elemento que contribui para a organização social, pois o grande mérito da teoria de Dewey é aceitar os conflitos de classes e buscar formas de compreender a objetividade da mudança social.

O Pensamento Educacional de John Dewey

O pensamento de Dewey é antes de tudo produto das transformações históricas da humanidade, como também produto das mudanças intelectuais, econômicas e políticas ocorridas nos Estados Unidos, País que viveu intensamente o processo de industrialização, onde “O evangelho do ‘ajuda a ti mesmo’ e da iniciativa privada era praticado tão espontaneamente que não precisava de especial apoio intelectual”³¹.

Segundo Dewey, a história política dos EUA foi, de um modo geral, registro da dominação dos interesses regionais.

As relações de poder da sociedade americana foram de início estabelecidas pela burguesia de forma hegemônica, haja vista que a realidade sócio-política desta sociedade difere bastante de outros tipos de sociedades européias. O processo vivido pelo liberalismo de rearticulações, de críticas internas e externas, permitiu-lhe que seus fins fossem vistos, “os fins do liberalismo são a liberdade e a oportunidade dos indivíduos para a plena realização de suas potencialidades, toda a intensidade emocional própria a esses objetivos transporta-se às idéias e atos necessários a sua efetivação”³². Desta forma, a contribuição de Dewey para o liberalismo permitiu o seu fortalecimento, enquanto concepção de mundo, com aderência a novas teses.

Em *Democracia e Educação: breve tratado de Filosofia da*

Educação, Dewey pretende chegar a educadores e pais, entre outros, com o intuito de formar uma nova concepção de educação liberal, transformando-a num forte movimento escolanovista. Assim, coloca a educação como necessidade da vida, ou seja, de sobrevivência.

O indivíduo é visto como um exemplar vivo de sua espécie, e a educação é a chance de sobrevivência que este exemplar recebe da sociedade, sua espécie organizada. A educação, para ele, é o instrumento dessa continuidade social da vida. *O social flui do natural qual fonte d'água*. Não há diferença. Pelo contrário, a sociedade é uma forma de sobrevivência encontrada pelos homens, segundo as suas necessidades.

Dewey compreende a educação como extensão da democracia, não devendo existir separação entre vida e educação. Para que isto se efetive é necessário pensar a organização social, e “... essa organização requer muito mais educação do que a da escola comum, a qual, sem a renovação das molas do propósito e do desejo, transforma-se em novo modo de mecanização e formalismo, tão hostil à liberdade ...”³³.

Dewey defende um ensino no qual deve estar presente o método da inteligência experimental, ou seja, o núcleo central da concepção de Dewey é a Experiência:

- A experiência é, primariamente, uma ação ativo-passiva; não é primariamente cognitiva³⁴.

- Mas a medida do valor de uma experiência reside na percepção das relações ou continuidades a que nos conduz³⁵.

Considera que o problema do ensino “é conservar a experiência do educando a envolver em direção aquilo que o experiente, o culto, o especialista já sabe. Daí a necessidade de que o professor conheça tanto a matéria como as necessidades e capacidades características do estudante”³⁶.

A experiência educativa toda vez que for reflexiva alarga os conhecimentos, pois para ele “educar-se é crescer, não no sentido puramente fisiológico, mas no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem”.

Outro aspecto que Dewey avalia é sobre o método de Saber e Aprender. Enfatiza que quando o saber, quando o aprender é tratado não como uma expansão da compreensão e do juízo em relação aos significados das coisas, mas como aquisição de informação, o método da inteligência experimental e cooperativa só acidental e tortuosamente se introduz na estrutura operativa do indivíduo.

³⁰ DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.91.

³¹ Ibidem. p.29.

³² Ibidem. p.57.

³³ DEWEY, John. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*, p.39.

³⁴ Ibidem. p.57.

³⁵ Ibidem. p.182.

³⁶ Ibidem. p.235.

Para Dewey, a prioridade para o renascimento do liberalismo é a educação, “a tarefa educacional não pode ser realizada trabalhando apenas a mente humana, sem ação que efetue mudança real nas instituições”³⁷. É necessário formar hábitos da mente e caráter, padrões morais que auxiliam o desenvolvimento das instituições sociais, adverte.

Desta forma, a educação é concebida como um processo de reconstrução e reorganização da experiência, habilitando o indivíduo para melhor dirigir o curso de sua vida. Por isso a educação é uma necessidade da vida social, é a necessidade da participação, e esta não se efetua sem a comunicação, “a comunicação é o processo da participação da experiência para que se torne patrimônio comum”³⁸.

Dewey concebe a educação como função social, e neste aspecto localiza a escola como ambiente especial cuja primeira função é proporcionar um ambiente simplificado, procurando selecionar o que é de mais significativo no contexto social para trabalhar com os jovens. Considera como segunda função a eliminação do meio escolar no processo educacional. Como terceiro aspecto, a escola deve oferecer a cada indivíduo a fuga das limitações do grupo social em que nasceu, possibilitando, a ele o contato com outros ambientes sociais.

Verifica-se que a escola deve priorizar atividades em conjunto, como forma de ampliar o convívio social. A vida social se perpetua por intermédio da educação, é um processo contínuo de reorganizar, reconstruir e transformar.

Este autor reconhece que a educação deve assegurar aos indivíduos a construção de uma sociedade democrática, propondo a criação de uma nova escola que não esteja tão distante dos apelos sociais da vida prática, uma vida “real”, menos livresca e “morta”. Esse tipo de educação levaria à criação de um novo homem especialista e egoísta. A sociedade passa a ser, assim, o “meio natural” para “simplificar e coordenar os fatores da mentalidade que se pretenda desenvolver; purificar e idealizar os costumes sociais existentes; criar um meio mais vasto e mais bem equilibrado do que aquele pelo qual os imaturos, abandonados a si mesmos, seriam provavelmente influenciados”³⁹.

A escola tem a função de coordenar na vida as diversas influências dos meios sociais em que o homem vive. É por isso que Dewey se preocupa em transformar a escola num verdadeiro laboratório social, onde a vida para o trabalho é iniciada através do brinquedo ou do jogo. “(...) O material inicial do conhecimento é contido no aprender a fazer as coisas de modo direto. O equivalente educacional deste princípio é o uso coerente de ocupações simples que provoquem a manifestação das aptidões dos educandos e representam modos gerais de atividades social”⁴⁰. A utilização do brinquedo na escola é uma preparação positiva para o mundo.

Dewey critica a educação voltada apenas para o futuro, prejudicando a educação do presente. Dirige sua crítica

especialmente a Hegel e Froebel, por entender este que a educação é um desdobramento das faculdades já existentes no indivíduo, não necessitando de interação com o meio e o seu desenvolvimento. Critica também a teoria de que a criança já possui várias faculdades intelectuais e que a educação deve apenas aperfeiçoá-las. Concebe a educação como um processo de adaptação do futuro ao passado ou do passado para o desenvolvimento do futuro.

A questão não é saber se a educação prepara para o futuro, “se educação é desenvolvimento, ela deve progressivamente realizar as possibilidades presentes, tornando assim os indivíduos mais aptos a lidar mais tarde com as exigências do futuro. O desenvolvimento não é coisa que se torne completa em determinada ocasião; é um contínuo conduzir para o futuro”⁴¹.

Segundo Dewey, uma reorganização da educação só poderá ocorrer em sociedades democráticas, “uma reorganização da educação de modo que a instrução se efetue em conexão com a inteligente realização de atividades (...)”⁴².

Compreende assim que o único caminho que leva à “organização da ação inteligente” reside em seu método educacional relacionado à reflexão, levantando cinco pontos fundamentais: o aluno deve “vivenciar atividades experimentais” que o interessem; nessa experiência tem de “desenvolver um verdadeiro problema como estímulo para o ato de pensar”; obter “conhecimentos informativos necessários” para a reflexão exigida; “elaborar soluções de modo bem ordenado”; “provar suas idéias, aplicando-as”, clarificando seu significado e descobrindo por si próprio o valor delas.

No entanto, por mais experiências que a escola realize, o conteúdo da educação, para Dewey, é a vida social presente. E, enquanto este for dado de modo formal, exterior, não será eficiente. “Mantém-se o princípio em sua significação eficiente quando o educando começa com ocupações ativas de origem e utilização social e adquirem uma compreensão científica dos materiais se leis implicados nas mesmas, mediante a assimilação, em sua experiência mais direta, das idéias e fatos comunicados por outras pessoas de experiência maior que a sua”⁴³.

Para Dewey, o fim educação não é vida completa, mas vida progressiva, reconhecendo que a sociedade produz o indivíduo, oferecendo a este as condições necessárias ao seu desenvolvimento, pois é pela mediação das experiências inteligentes que os indivíduos produzem seus conhecimentos, cabendo à educação a grande responsabilidade de formar

³⁷DEWEY, J. *Democracia e Educação*, p.65.

³⁸DEWEY, J. *Democracia e Educação*, p.29.

³⁹Ibidem. p.44.

⁴⁰Ibidem. p.260.

⁴¹DEWEY, J. *Democracia e Educação*, p.82.

⁴²Ibidem. p.179.

⁴³Ibidem. p.246.

hábitos da mente, do caráter, de padrões morais e intelectuais, que se ajustem com as mudanças que resultarão em novas bases materiais, modificando as estruturas das instituições sociais, principalmente a escola.

Todos esses componentes expressos do pensamento deweyano são importantes para a compreensão da concepção pedagógica do mundo moderno e contemporâneo, especificamente o da escola nova.

A escola nova, segundo Dewey, é a escola onde todos, igualmente, podem se transformar em homens realizados, completos, porque desenvolvem o raciocínio científico, compreendendo a ciência através da teoria e da prática.

A influência do pensamento de Dewey na Educação brasileira

Segundo Luis Antônio Cunha, "O pensamento de Dewey foi trazido para o Brasil por Anísio Teixeira, o maior dos educadores brasileiros e seu discípulo nos Estados Unidos. Desde o início da década de 30 até o início da de 60 (...), Anísio Teixeira trabalhou intensamente dentro do Estado para que ele assumisse a tarefa de reconstrução social, utilizando para isso a escola pública, obrigatória e gratuita. Sua vasta obra pedagógica é toda voltada para a aplicação do pensamento de Dewey"⁴⁴.

Anísio Teixeira, influenciado pelo pensamento deweyano, defende uma escola democrática, única, aberta à sociedade, onde inexistam obstáculos que impeçam a ascensão de qualquer indivíduo ao meio sociocultural. Para ele, a escola deverá possibilitar a profissionalização, a educação dos deficientes, permitindo a todos os indivíduos a participação nas atividades produtivas, ou seja, a escola é o mecanismo capaz de reconstruir a sociedade, capacitando os indivíduos de acordo com suas aptidões.

No início do século atual, mais especificamente a partir da década de 1920, surge no Brasil, sob a influência humanista, o entusiasmo pela educação. Sob a égide da concepção liberal, defende-se à escolarização obrigatória e gratuita a todas as camadas sociais, como forma de participação política, tendo como objetivo principal permitir às camadas populares o acesso a escolarização: "Afinal, sem a escola seria difícil formar o cidadão e torná-lo força produtiva eficaz"⁴⁵.

A partir da década de 1930, há uma substituição do "entusiasmo pela educação" pelo "otimismo pedagógico", e com o surgimento do escolanovismo é dada maior ênfase às questões educacionais dentro de um contexto técnico-pedagógico, em que se acreditava que "a escola seria mais eficiente, seu espírito científico qualificaria o ensino, a psicologização do processo educacional capacitaria o aluno

segundo suas virtualidades, a administração escolar racionalizaria o processo educacional. Enfim, começa a se fazer presente no Brasil a idéia da Reconstrução social pela Reconstrução educacional"⁴⁶.

Verifica-se neste contexto a semelhança do pensamento de Dewey no tocante: à condução do processo de construção da educação, objetivando o desenvolvimento completo e harmonioso da humanidade; à democratização do ensino como forma de equalização social; a uma prática educacional técnica, para profissões especializadas; a um ensino científico para todos; à escola como um ambiente de integração social e harmonização do conflito; à educação como resultado de interação do organismo com o meio ambiente.

Em março de 1932 é divulgado o documento "Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova" - um marco do escolanovismo no Brasil. Este movimento de "educadores, professores, homens de ciência e intelectuais" atingiu seu auge por volta de 1960, e teve como objetivo central a reconstrução da educação no Brasil - reformular a escola para atingir a qualidade de ensino.

O manifesto trazia em seu conteúdo alguns princípios:

Estimular as forças organizadas da Cultura e da Educação

Sobre finalidades da educação:

A educação nova teve por finalidade desenvolver-se além dos limites de classes, procurando assumir sua verdadeira função social, "a fim de dirigir o desenvolvimento natural e integral do ser humano em cada uma das etapas do seu crescimento. (...) A educação nova se propõe ao fim de servir aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, e que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social (...)"⁴⁷.

Sobre valores mutáveis e valores permanentes:

"(...) O trabalho, a solidariedade social e a cooperação, em que repousa a ampla utilidade das experiências; a consciência social que nos leva a compreender as necessidades das experiências; a consciência social que nos leva a compreender as necessidades do indivíduo (...) são (...) grande valores permanentes que elevam a alma, enobrecem o coração (...)"⁴⁸.

Sobre o Estado em face da educação:

A educação, uma função essencialmente pública - porém não é excluída a organização de escolas privadas.

A questão da escola única - "se entenderá entre nós

⁴⁴CUNHA, Luis Antônio. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*, p.49.

⁴⁵CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e Educação Brasileira*, p.19.

⁴⁶Ibidem. p.19.

⁴⁷Manifesto dos Pioneiros, p.59.

⁴⁸Ibidem. p.60.

(...) em que crianças, de 7 a 15 anos, todas ao menos que nessa idade, sejam confinadas pelos pais à escola pública, tenham uma educação comum, igual para todos”⁴⁹.

A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e co-educação:

-Laicidade: coloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas;

-Gratuidade: extensiva a todas as instituições oficiais de educação; ensino obrigatório gratuito.

-Obrigatoriedade: “se deve entender progressivamente até uma idéia conciliável com o trabalho produtor, isto é, até aos 18 anos”⁵⁰.

-Co-educação: “a educação em comum” - alunos de ambos os sexos em pé de igualdade.

Sobre a função educacional:

A unidade da função educacional e a descentralização: “(...) a autonomia econômica não se poderá realizar, a não ser pela instituição de fundo especial ou escolar (...). Os Estados a evitar o desperdício nas suas despesas a fim de produzir os maiores resultados com as menores despesas (...)”⁵¹.

Sobre o processo educativo:

O conceito e os fundamentos da educação nova - “(...) a escola (...) deve oferecer à criança um meio vivo e natural, favorável ao intercâmbio de reações e experiências (...)”⁵².

Sobre o plano de reconstrução educacional:

As linhas gerais do plano - “(...) radical transformação da escola pública em todos os seus graus, tanto à luz do novo conceito de educação, como à vista das necessidades nacionais (...)”⁵³.

O ponto nevrálgico da questão - “(...) a escola do momento em que a matéria do ensino deve diversificar-se em ramos iniciais de especialização (...)”⁵⁴.

O conceito moderno de universidade e o problema universitário no Brasil - gravidade do ensino superior; desenvolvimento de educação, pesquisa, extensão.

O conceito moderno dos melhores - seleção pela “diferenciação de todas as capacidades”.

Sobre a unidade de formação dos professores e a unidade de espírito:

Harmonia às instituições e correção de “injustiças da situação atual”.

Sobre o papel da escola na vida e sua função social:

“(...) A educação, porém, não se faz pela escola, cuja ação é favorecida ou contrariada, ampliada ou reduzida pelo jogo de forças inumeráveis que concorrem ao movimento das sociedades modernas (...)”⁵⁵.

Sobre a Democracia - um programa de longos deveres:

A “(...) educação [deverá dar] ao povo a consciência de si mesmo e de seus destinos e a força para afirmar-se e realizá-los (...)”⁵⁶.

Como assinalamos, os princípios fundamentais do

“Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova” permitem-nos evidenciar semelhanças com o pensamento educacional de Dewey já devidamente explicitados, tais como:

A educação como reconstrução da experiência:

Ela inclui a cognição, na medida em que seja cumulativa e conduza alguma coisa que tenha significado. O processo da experiência é o elemento-chave para a compreensão da vida humana.

O conceito de educação:

Como já vimos, a educação é um processo de reconstrução e reorganização da experiência, cabendo a ela melhorar pela inteligência a qualidade dessa experiência. A educação é uma necessidade da vida social.

A educação direta e formal da infância:

Preocupa-se em integrar a aprendizagem obtida na escola com a aprendizagem absorvida nas experiências sociais da vida, por isso toda educação é social.

A escola como meio social:

Não se educa diretamente, mas indiretamente através de um meio social. As escolas são meios organizados para preparar moral e mentalmente os seus membros. A atividade educativa é vista como uma libertação das necessidades do indivíduo. O objetivo da educação é conduzir os educandos assimilarem idéias que os levem às mudanças sociais.

A educação como exercício da experiência:

Ela ocorre em todas as situações, e a escola deve ser o espaço que permita o desenvolvimento científico e prático do indivíduo.

A democracia:

A democracia defende a participação dos interesses comuns, a cooperação entre os grupos sociais, compreendendo que “a democracia é mais do que uma forma de governo; é, principalmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada”⁵⁷.

Desta forma, podemos considerar que o movimento da escola nova brasileira procurou, por intermédio de seus intelectuais, uma interlocução permanente com a concepção educacional de John Dewey.

A análise minuciosa das teses defendidas pela educação liberal (pensamento de Dewey), além da exposição de vários trechos do próprio pensamento do autor, teve como

⁴⁹Ibidem. p.62.

⁵⁰Ibidem. p.63.

⁵¹Ibidem. p.63.

⁵²Manifesto dos Pioneiros, p.64-65.

⁵³Ibidem. p.66.

⁵⁴Ibidem. p.67.

⁵⁵Ibidem. p.70.

⁵⁶Ibidem. p.74.

⁵⁷ DEWEY, J. *Democracia e Educação*. p.118.

objetivo compreender a própria constituição da educação liberal, permitindo-nos também estabelecer esta crítica.

No entanto, é mister ressaltar que mesmo os educadores que estabelecem críticas ao sistema educacional capitalista, ainda que não sejam porta-vozes da burguesia e que queiram a transformação da sociedade, em alguns momentos se colocam a reboque desta concepção, uma vez que suas críticas não ultrapassam o próprio marco do liberalismo. A ação educativa, bem como a constituição de um novo pensamento, estruturado dentro das escolas privadas ou públicas burguesas, tendo o professor como interlocutor isolado, exigindo-se competência, compreensão e visão científica, desenvolvendo trabalhos de socialização entre os alunos, acabam por se transformar em expressões criativas do próprio liberalismo.

Uma escola sob direção do Estado burguês ou como uma empresa burguesa, dificilmente se transformará numa experiência em que a ideologia revolucionária se transforma, em força material, em ideologia hegemônica com fins e objetivos bem diferentes dos propostos pela sociedade do capital.

Contudo, resguardando-se o atual momento histórico de grandes transformações sociais, o *escolanovismo* continua influente e ganhando novos adeptos na ilusão liberal de que é um movimento educacional antitotalitário, transformador. Assim, uma das tarefas mais importantes que se colocam para os educadores que se preocupam efetivamente em construir uma prática educacional antiliberal, é a verificação

cuidadosa da concepção educacional na qual tem construído sua reflexão e sua prática educativa. Tendo como referência as contribuições do pensamento marxiano

Referências Bibliográficas

- CUNHA, Luis Antônio. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. 12. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1991.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e Educação Brasileira*. 4. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1988.
- DEWEY, John. *Democracia e Educação. Breve tratado de Filosofia de Educação*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1936.
- _____. *Liberalismo, Liberdade e Cultura*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1970.
- GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 7. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 14. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1986.
- _____. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 3. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1992.
- Vários Autores. *O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*. Rio de Janeiro, 1932.